

As moedinhas e a secretária

Fábio Adiron*

Algumas vezes me pego pensando para onde caminha o movimento em defesa das pessoas com deficiência. E não chego a conclusão nenhuma.

No mesmo momento em que avançamos numa série de aspectos, a ponto de termos participado ativamente na construção da declaração da ONU (e como parte envolvida nesse processo, dentro das reuniões preparatórias no Brasil, confesso que poucas vezes vi um debate de tão alto nível) também somos bombardeados pelas notícias mais anacronicamente surpreendentes.

A mais recente é a de um deputado federal de Santa Catarina que apresentou um projeto de lei na Câmara Federal propondo que as moedinhas lançadas nos monumentos públicos fossem recolhidas e usadas no atendimento às pessoas com “disfunção mental” (sic) numa clara sinalização de menosprezo à auto-estima de toda a população brasileira com deficiência intelectual. (<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=118281>)

É uma demonstração de desconhecimento da situação das pessoas com deficiência, da terminologia, dos movimentos pela autonomia e inclusão. Para dizer o mínimo. Uma proposta demagógica, assistencialista e caritativa no pior sentido dos termos.

Difícil mesmo é pensar que esse é um dos sujeitos que vai votar a ratificação ou não da Convenção. Mais grave, ele não está sozinho. Quase todos os projetos que tramitam no Congresso tem o mesmo caráter comezinho de caça votos (isenções fiscais, uso de dinheiro público para a manutenção de entidades privadas, concessão de gratuidades). E todos se acham cheios daquelas boas intenções que locupletam o inferno.

Já ouvi várias manifestações a respeito. Desde as que não posso reproduzir aqui sobre o destino das moedinhas, até sugestões de incluir também no projeto as moedas dos bueiros, de contratar pessoas com deficiência para catar as moedas ou a distribuição de cofrinhos com a cara do parlamentar estampada.

Mas não é só nesse nível rasteiro que manifesta o pouco respeito às pessoas com deficiência, o mesmo acontece nos altos níveis de gestão. Quase junto com a notícia das moedinhas, foi divulgado o nome da nova titular da Secretaria Estadual da Pessoa com Deficiência do estado de São Paulo. Uma médica especializada em reabilitação.

Sem tirar o valor da qualificação profissional e acadêmica da mesma, alguns aspectos saltam aos olhos sobre que leitura o poder faz desse assunto.

O primeiro que nenhuma pessoa com deficiência (e não faltam quadros do movimento dentro da coalizão que governa o estado) foi escolhida para o cargo. Alguns podem alegar que isso não é obrigatoriamente necessário, já tivemos até presidente que era médico. Outros falam da sua competência como fisiatra, ou de seus feitos como gestora.

Mas, se a nossa luta tem como palavra de ordem “Nada por nós sem nós”, não há argumento que se sustente. Ou assumimos que somos os agentes desse processo, ou deixamos tudo como está. Não dá para ficar mudando de lado conforme parece ser mais conveniente. Seria como indicar a loiríssima Xuxa como representante máxima do movimento de consciência negra por interesse na visibilidade que ela traria ao movimento.

O segundo é a visão da deficiência não como característica das pessoas mas como doença que precisa de tratamento e reabilitação. O velho conceito de que as pessoas com deficiência é que precisam se ajustar ao mundo e não esse que precisa lidar com aquelas conforme suas necessidades.

O terceiro aspecto tem menos a ver com a deficiência em si, mas com o fato de que a escolha não foi nada democrática (o que não surpreende nesse caso) e, a menos que pessoas privilegiadas tenham participado dessa escolha, em momento nenhum houve algum diálogo a esse respeito com a sociedade civil.

Já cometi erros de julgamento no passado. Pessoas de quem eu não esperava muito se revelaram sinceros e ativos militantes da causa inclusiva. Nesse caso minha visão é de total ceticismo.

Se ela vai ser a secretária com a visão moderna da Convenção da ONU ou mais uma distribuidora de moedinhas só o tempo dirá. Mantenho a esperança de estar enganado.

*Fábio Adiron é membro da Comissão Executiva do Fórum Permanente de Educação Inclusiva, moderador dos grupos Síndrome de Down e Educautismo no Yahoo Grupos e co-gestor do CEMUPI Centro de Estudos Multidisciplinar Pró Inclusão. Tem dois filhos, um com síndrome de Down.